

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE**

**Psicologia Ambiental
Espaço construído e comportamento humano**

Por: Monica Marques Aubert

**Orientador
Prof. Marcelo Saldanha da Gama**

Rio de Janeiro

2007

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
PROJETO A VEZ DO MESTRE

Psicologia Ambiental
Espaço construído e comportamento humano

Apresentação de monografia à Universidade Candido Mendes como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Docência do Ensino Superior.

Por: Monica Marques Aubert

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha filha pelo incentivo, amor e amizade.

Aos meus colegas de turma.

Aos meus pais pelo apoio incondicional e exemplo de vida, e a Deus, pois sem ele nada seria possível.

RESUMO

Nesse trabalho buscou-se mostrar os principais conceitos da Psicologia Ambiental, a relação pessoa-ambiente, a análise de como o indivíduo percebe o ambiente e como está influenciado por ele.

Partindo deste conceito, foram apontados os elementos de projeto que evidenciam a apropriação pelo usuário deste espaço.

Utilizou-se os conceitos de Sommer (1969), Hall (1981) e posteriormente Gifford (1997) além de outros autores citados.

O primeiro capítulo, trata de Psicologia Ambiental, traça um rápido resumo da sua história, conceitos e aspectos .

No segundo capítulo, é abordado o Espaço Sócio Cultural, definição e conceitos de Espaço Pessoal, e a interferência deste no comportamento humano, nos diferentes espaços e situações sociais: Territorialidade, Privacidade e Apinhamento, e o elo mobilidade e *affordances* nas relações pessoa e espaço físico.

O terceiro capítulo, trata do Espaço Construído, os aspectos construtivos e funcionais do espaço, conceito de *behavior setting*, aspectos relevantes para o levantamento de dados ligados ao conforto ambiental como: iluminação, acústica, conforto térmico , mobiliário e equipamento, e aspectos construtivos que podem enfatizar as relações interpessoais como: amplidão, nicho, barreira visual e acústica , desnível de piso e forro, e a importância das distâncias interpessoais na relação pessoa x pessoa e usuário x espaço físico.

METODOLOGIA

A Psicologia Ambiental, por sua característica interdisciplinar e por ser um campo que possibilita o estudo de fenômenos os mais diversos e variados, utiliza uma abordagem basicamente multimetódica.

A mim, porém, interessou a sua interseção com a Arquitetura e Design de Interior por estar diretamente ligado a minha profissão e pela necessidade de fundamentação científica para a tomada de decisões relativas a alternativas de projeto, qualidade de vida e o bem estar e satisfação do usuário.

O processo de pesquisa utilizado foi o de caráter exploratório com finalidade didática para explanação e aprofundamento da teoria, e a sua relação com elementos arquitetônicos que interferem no Espaço Pessoal do ambiente construído e no comportamento humano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – Psicologia Ambiental	08
CAPÍTULO 2 - Espaço Sócio Cultural	11
2.1 - Espaço Pessoal	13
2.2 -Territorialidade, Privacidade e Apinhamento.	14
2.3 - Mobilidade	15
2.4 - Affordances	15
CAPÍTULO 3 - Espaço Construído	17
3.1 - Amplitude	20
3.2 - Nichos	21
3.3 - Mobiliário e Equipamento	21
3.4 - Barreiras	22
3.5 - Distância Interpessoal	22
3.6 - Iluminação	23
3.7 - Desníveis de Forro e Piso	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
BIBLIOGRAFIA	27
ÍNDICE	28
FOLHA DE AVALIAÇÃO	30

INTRODUÇÃO

A relação entre ambiente construído e comportamento humano está diretamente ligado às tecnologias de uma época e às estruturas sociais.

O conforto ambiental, nos seus aspectos térmicos, acústicos, visuais e de funcionalidade, é um dos elementos da arquitetura que mais influencia o bem estar do homem. As sensações de conforto são mais do que reações fisiológicas, pois desempenham também papel cultural, simbólico e sensorial. As sensações térmicas reforçam o significado de abrigo ou proteção. As sensações de conforto luminoso e acústico são avaliadas segundo experiências anteriormente acumuladas na memória e associadas à experiência completa do ambiente, contribuindo para a sua identificação. Assim as reações de conforto traduzidas por reações fisiológicas estão associadas às reações de conforto psicológico, do se sentir bem ou não, no local.

Um ambiente projetado pode assim alterar o modo de vida das pessoas, e influenciar o seu bem estar. O projeto arquitetônico deve ter ambientes que priorizem os aspectos de conforto, funcionalidade, economia e estética, aplicando os conhecimentos artísticos, científicos, técnicos e de psicologia ambiental.

A introdução de conhecimento de fatores comportamentais no processo criativo tem sido o grande desafio da Arquitetura e mais especificamente em Design de Interior. É nesse universo que age a Psicologia Ambiental, definida como interação entre indivíduos e suas condições físicas (GIFFORD, 1977).

Para melhor compreender esse processo é necessário identificar comportamentos típicos nos diferentes espaços e situações sociais.

CAPÍTULO 1

PSICOLOGIA AMBIENTAL

A Psicologia Ambiental ainda é uma disciplina bastante jovem no cenário da Psicologia. Seu início data de 1967 nos EUA, num contexto então em que aumentavam cada vez mais os problemas ambientais, e a Psicologia tradicional encontrava-se incapacitada para lidar com as questões de preservação do meio ambiente, mudanças e planejamento do ambiente, mudanças de atitudes, percepções e comportamento frente ao ambiente.

Segundo Proshansky (1970) são quatro os aspectos que dão razão a existência da psicologia ambiental:

- ela estuda o ambiente ordenado e definido pelo indivíduo.
- seus problemas científicos estão relacionados com problemas sociais emergentes.
- é de natureza multidisciplinar.
- estuda o indivíduo como parte integrada de toda a situação problemática.

Por abranger uma área extensa de atuação, fez-se necessário a interface com outras áreas de estudo tais como Sociologia e Antropologia Urbana, Ergonomia, Desenho Industrial, Paisagismo, Engenharia Florestal, Arquitetura, Urbanismo, Design de interior, Geografia Social e Comportamental, Planejamento e Administração de Recursos Naturais e Ecologia Humana.

É de interesse dessas ciências a construção de ambientes para se obter determinados efeitos sobre o comportamento humano, ambientes específicos, ambientes diferenciados para crianças, jovens, adultos, idosos, efeitos no ambiente, no comportamento, na percepção e cognição do ambiente, e muitos outros (GUNTHER & ROZENSTRATEN, 1993).

A vertente que une todas essas ciências na Psicologia Ambiental são os princípios psicológicos básicos, os níveis de análise individual e em grupo, em contraposição ao nível de análise de sistemas sociais.

Esses aspectos nos dão a exata compreensão do conceito de Psicologia Ambiental, como o estudo do inter-relacionamento ativo entre comportamento e ambiente físico tanto construído quanto o natural.

Há que se salientar aspectos singulares da psicologia ambiental como:

- *gestaltista*– uma abordagem holística, onde o efeito do ambiente não é analisado isolado do seu contexto e nem unidirecional, e sim como um todo.
- *inter-relação* –“*Tanto o ambiente influencia o comportamento, como o comportamento influencia o ambiente*” (FISHER, 1993). Uma relação de reciprocidade.
- *Psicologia Social* - os psicólogos sociais estão centrados na interação entre o indivíduo e outros indivíduos e espaço pessoal que é a iniciação da psicologia ambiental.
- *interdisciplinidade* – interface com profissionais de outras áreas. A complexidade dos problemas ambientais exige uma abordagem em diferentes áreas do saber.
- *multi-metodológico* – pluralidade de métodos, com tendência a pesquisa ambiental, onde em primeira instância estuda-se o mundo real e utiliza-se o laboratório só quando necessário.
- *pesquisa-ação* – o pesquisador tem uma postura de contribuição para a teoria e para a prática da sua área. (SOMMER, 1987)

Na inter-disciplinidade, a estreita relação da Psicologia Ambiental com a Arquitetura e Urbanismo e Design de Interior é de grande utilidade nas etapas profissionais do processo de produção do ambiente construído

voltadas ao planejamento, ao programa de necessidades e à formulação de alternativas de estudos preliminares e de anteprojeto.

A análise de como o ambiente construído influencia o comportamento e o cotidiano do usuário, a sua percepção, avaliação e atitudes, a relação do indivíduo com esse espaço, e como esse ambiente vai satisfazer as necessidades do usuário.

No Brasil a Psicologia Ambiental ainda engatinha e está concentrada em pesquisas de departamentos de Psicologia, Arquitetura e Engenharia de Transporte em centros universitários das grandes cidades.

Na prática profissional, existe tradição na colaboração de arquitetos, designers com sociólogos, antropólogos, geógrafos e historiadores, mas não há ainda, apesar da existência de alguma atuação isolada de docentes e pesquisadores, entre arquitetos, designers e psicólogos ambientais.

CAPÍTULO 2

ESPAÇO SÓCIO CULTURAL

O estudo do ambiente construído a fim de validar seus objetivos humano-sociais, levando em conta a adequação entre ambiente e comportamento, e a utilização dos usuários em cada contexto, visa fornecer indicações, embasamento e *feedback* para novos projetos.

A definição de Gifford (1997) para Psicologia Ambiental como sendo “*O estudo da transação entre indivíduos e cenário físico, onde indivíduos modificam o ambiente, e seu comportamento e experiências, são modificados pelo ambiente*”, engloba três elementos básicos da Psicologia Ambiental: comportamento e experiência humanos, espaço físico e a ligação entre eles.

- O comportamento e a experiência humana podem ser tanto a nível individual, quanto de grupo.
- O espaço físico e espaço social nem sempre são distintos, já que relações sociais podem até ser definidas em termos espaciais.

O espaço físico é também multi dividido. A percepção dos espaços físicos passa pelos sentidos, mas registra múltiplos estímulos ao mesmo tempo. Ao entramos em um ambiente somos atingidos não por um aspecto desse ambiente, mas por sua *gestalt*, composta por todos os estímulos. Estudar esse impacto do espaço sobre a pessoa e desta sobre o espaço, é o estudo de uma ligação recíproca e circular entre esses dois elementos. São quatro conceitos para ambientes de espaço físico: Espaço Pessoal, Territorialidade, Privacidade e Densidade, e Apinhamento.

- O Espaço Social segundo Sommer (1969) “*É uma área com limites invisíveis cercando o corpo de uma pessoa, na qual intrusos não são permitidos*”.
- Territorialidade é o “*Conjunto de comportamentos e atitudes por parte de um indivíduo ou grupo, baseados em controle percebido, tentado ou real sobre o espaço físico definível, objeto ou idéia, que pode implicar em ocupação habitual, defesa, personalização e demarcação*” (GIFFORD- 1997).
- Privacidade segundo Altman (1975) é o “*controle seletivo do acesso a si ou ao seu grupo*”.
- Densidade trata do número de indivíduos por unidade de espaço.
- Apinhamento trata do estado psicológico desses indivíduos e inclui o estresse e motivação de sair de uma situação percebida subjetivamente como densa.

Todos esses conceitos exceto o de privacidade, têm cada um duas vertentes. A primeira refere-se a espaço físico, que pode ser analisado de forma objetiva, a outra é uma avaliação subjetiva pessoal e social do indivíduo e dele como grupo. Esses quatro conceitos embora amplamente estudados no contexto da Psicologia, não se aplicam apenas ao indivíduo, mas pode-se falar de espaço pessoal, de privacidade, do apinhamento e do território também de um grupo.

Outro conceito importante é a dimensão temporal, que se estende como projeção do futuro e à referência ao passado, ou seja, a história.

A relação do indivíduo com o tempo é de suma importância na relação espaço físico e espaço social. O tempo tem para o indivíduo uma relação com o seu ciclo de vida, mas esse tempo é diferente para cada ser.

A identidade residencial é construída através da história, na maneira como a pessoa percebe o ambiente, suas experiências anteriores e no conceito *place-identity* (PROSHANSKY, 1970) que no presente vai

influenciar diretamente na percepção e avaliação do ambiente construído do indivíduo.

2.1 - Espaço Pessoal

Como já foi mencionado anteriormente, o Espaço Pessoal refere-se a uma área com limites invisíveis que cercam o corpo das pessoas, sendo um território portátil. Esse território tem duas utilizações:

- a primeira refere-se a uma zona carregada emocionalmente ao redor de cada pessoa, denominada a “bolha” (SOMMER, 1969) que regula o espaçamento entre elas.
- a segunda refere-se aos processos segundo os quais as pessoas delimitam e personalizam os espaços que habitam.

Segundo Hall (1981) o espaço construído e urbano são expressões de um processo de filtragem e seleção dos dados sensoriais humanos. Esses filtros humanos são culturalmente padronizados, e quatro zonas de distância e envolvimento entre os indivíduos e as atividades, relações e emoções associadas a cada uma delas foram reconhecidas pelo autor.

- Distância mínima
- Distância pessoal (ou espaço social)
- Distância social
- Distância pública

O conceito da “bolha” foi questionado nos anos seguintes usando como argumento a constatação de que o espaço é instável em dimensões, variando segundo as circunstâncias, é interpessoal, e existe apenas quando interagimos com outras pessoas, sendo necessário outros aspectos de interação social como o contato direto e orientação. Assim sendo Espaço

Pessoal seria a componente espacial (distancia e orientação) das relações interpessoais.

Ainda segundo o autor, o espaço pessoal é influenciado por questões pessoais (como gênero, idade, personalidade, sociais), questões sociais (como a atração, o medo e segurança, e as relações de poder e status), questões físicas, religiosas, étnicas e as mais facilmente observadas, as culturais.

O Espaço Pessoal pode ser reconhecido mais facilmente quando se conhecem as características pessoais do indivíduo que interage diretamente na determinação deste espaço, entretanto a sua qualificação vai depender da cultura dos usuários e da situação e função a que se destina o ambiente.

O Espaço Pessoal também está relacionado a duas questões de extrema importância: função de proteção e função de comunicação. A função de proteção serve para regular a quantidade de estímulos trocados, e a função de comunicação está relacionada à distância que se mantém dos outros e os canais sensoriais (cheiro, toque, *input* visual, *input* verbal, *input* auditivo) que vão ser estimulados através da relação. O grau de intimidade das ações sensoriais e a preocupação com a segurança são transmitidos pelas distancias escolhidas, assim como a qualidade dos relacionamentos estabelecidos.

2.2 - Territorialidade, privacidade e apinhamento.

Territorialidade segundo a sua definição não é algo estável, mas sujeito aos acordos sociais entre o detentor de direitos e os que respeitam ou não esses direitos. Esses acordos sociais são aplicáveis tanto ao espaço social e a privacidade, quanto até certo ponto ao apinhamento.

A Territorialidade regula a distância ideal entre os indivíduos e a distância ideal entre nós e os outros, faz parte da atitude física ideal determinada por um comportamento psíquico.

Se considerarmos espaço pessoal como algo que cerca o corpo de uma pessoa, no qual intrusos não são permitidos, essa regra só faz sentido quando há o outro que pode ou não se tornar um intruso. A Privacidade igualmente supõe uma outra pessoa cujo acesso precisa ser controlado, e apinhamento seriam outros indivíduos presentes ou não.

2.3 Mobilidade

Ao acrescentarmos um quinto elemento, a Mobilidade, todos os outros conceitos vão variar à medida que a pessoa ou grupo se desloca de um lugar para outro. O movimento afeta de maneira direta o Espaço Pessoal, a privacidade, o território, o apinhamento do espaço dentro do qual a pessoa se move.

No Espaço Pessoal é afetado na medida em que ao se locomover a pessoa entra em contato com o espaço social do outro. O movimento no espaço afeta tanto a densidade do local que se está deixando, quanto naquele que se está entrando. Movimento pode também implicar em mais ou menos privacidade no recinto ocupado e na medida em que presença ou ausência em um território afeta em mais ou menos controle sobre o mesmo, podendo afetar até o seu tamanho.

A Mobilidade assim afeta toda a relação entre os quatro espaços, e é enquanto exploração essencial para o desenvolvimento humano.

Quando um ser começa a explorar o ambiente e a se movimentar, tende a expandir o tamanho e o controle sobre o seu espaço pessoal, territorial, apinhamento e privacidade, afetando diretamente o domínio de seus pais, irmãos e as pessoas com quem convive, com conseqüências imediatas.

2.4 – Affordances

O grau de mobilidade afeta o acesso a bens materiais e idéias importantes e *affordances* do ambiente. As *affordances* do ambiente são tudo o que ele oferece ao animal, o que providencia ou fornece para o bem ou para o mal.

Nas *affordances* está incluído o ar, as matérias sólidas, as superfícies e seus traçados, objetos, pessoas e animais. São as outras pessoas que nos dão as mais completas *affordances* do ambiente.

Uma *affordance* aponta tanto para o ambiente, quanto para o observador, e a coincidência do mundo e a consciência da relação complementar com o mundo não podem ser separadas. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que cada indivíduo tem a sua consciência e relação com o ambiente, o mesmo tem suas *affordances* independente do indivíduo. O elo mobilidade, enquanto comportamento e *affordances* do espaço físico, permite uma compreensão das diferentes relações recíprocas pessoa-espaco físico.

CAPÍTULO 3

ESPAÇO CONSTRUÍDO

“O homem e suas extensões constituem um sistema inter-relacionado”. É um erro agir como se os homens fossem uma coisa e suas casa , suas cidades, sua tecnologia, ou sua língua, fossem algo diferente. Devido a inter-relação entre o homem e suas extensões é conveniente prestarmos uma atenção bem maior ao tipo de extensões que criamos (...).”
(E. HALL, 1966)

Esse texto de Eduard Hall escrito há mais de 30 anos mostra uma área de trabalho tão pouco explorada e tão fundamental. Apesar da capacidade do homem de criar espaços, pouco tem sido construído no sentido de ampliar o conhecimento da interface entre ambiente construído e comportamento humano. Na verdade é estudado isoladamente cada fator envolvido na equação, sendo esquecido a inter-relação entre o homem e suas extensões como o autor afirmou. A principal causa desta dificuldade parece relacionar-se à relativa estagnação do conhecimento dentro de cada setor de conhecimento (Psicologia, Sociologia, Antropologia, Arquitetura, Design de Interior, Geografia, entre outras).

Na Psicologia e Design de Interior, esse quadro não é diferente, apesar de serem duas áreas próximas ligadas ao estudo da relação pessoa-ambiente. A Psicologia ampliou os estudos da atuação do indivíduo para o social e o ambiente de modo a incluir as interações ambiente-comportamento e contribuindo para um conhecimento mais amplo da realidade.

O Design de Interior passa a preocupar-se mais com a percepção e satisfação dos usuários, resultando em projetos mais centrados no indivíduo e no social e nas implicações das interferências realizadas.

É inevitável a junção dos dois conhecimentos, e a Psicologia Ambiental torna-se o *locus* comum e tem como objetivo principal a avaliação do ambiente construído durante o seu processo de ocupação, o que tem contribuído para divulgação da área e formação de informações essenciais.

Na ótica da Psicologia Ambiental aos aspectos construtivos e funcionais do espaço, acrescenta-se a análise comportamental e social essencial à sua compreensão. A percepção passa a ser a palavra chave para a realização de projetos que envolvam o espaço físico durante o processo de sua utilização.

“É fator de relevância para análise do ambiente em fruição, indicando e dimensionando seus aspectos qualitativos, de categorias tipológicas, incidência e relações, alertando sobre as demandas e anseios da melhoria, tendo em vista a evolução, atualização e as projeções futuras”
(...)
(MONZÉLGLIO, 1990).

Nos trabalhos de avaliação do ambiente construído, os principais métodos atualmente utilizados para a coleta de informações são processos individuais: percepção visual e estética, observação, entrevistas abertas e estruturadas, questionários, medições, mapeamento cognitivo e avaliação da qualidade de vida.

Pode-se com isso aferir a satisfação do usuário tanto para projetos a serem realizados, quanto para a avaliação pós - ocupação do ambiente (APO).

Barker (1968) utilizou o termo “behavior setting” (cenário comportamental) para descrever o contexto ambiental que co-determina as características de comportamento. Da mesma maneira, a opinião do usuário é de extrema importância para obter elementos que satisfaçam a real necessidade do espaço e do público que interage com ele.

A responsabilidade social daqueles que trabalham a relação pessoa-ambiente é mais um elemento importante que estimula o senso crítico do usuário com relação ao local onde vive e à qualidade de vida obtida. Os próprios profissionais que utilizam o ambiente devem fazer parte do processo de avaliação, assim como devem interferir para aprimorar os aspectos físicos e funcionais do espaço.

Vários aspectos são de relevante importância no levantamento de dados: aspectos técnico-construtivo (infra-estrutura), e de conforto ambiental e funcional, como intensidade de fluxos de circulação, iluminação, ventilação, temperatura, acústica, condicionamento ambiental artificial, consumo energético, conforto e adequação do mobiliário e equipamentos.

No conforto térmico é necessário fazer uma avaliação adequada dos ambientes, ver a incidência de luz natural nas diferentes estações do ano, fazer o cálculo de balanço térmico para analisar o desempenho térmico deste espaço (o termógrafo deve ser utilizado).

Também no conforto térmico a ventilação é analisada através de cálculos.

Na análise da iluminação os valores de iluminância devem estar adequados para a função a ser exercida no ambiente, para a dimensão deste espaço e cor do ambiente.

A correta iluminação deve proporcionar conforto visual, ser suficiente para a tarefa do usuário, reproduzir bem as cores, ter a temperatura de cor correta, evitar ofuscamentos diretos, ser flexível, não produzir ruídos, e ser individualizada.

O tipo de lâmpadas e luminárias indicadas, vão influir diretamente no conforto deste espaço. Com essas informações o cálculo luminotécnico é feito para cada ambiente do espaço construído. O luxímetro é utilizado para medir a quantidade de luz em lux.

Para o conforto acústico, os ruídos internos, ruído intermitente e ruído contínuo deve também seguir o limite máximo permitido para exposição ocupacional pela International Standards Organization (ISO). A exposição ao ruído intenso causa reações negativas como insatisfação, irritabilidade, stress. Utiliza-se o decibelímetro na acústica.

Quanto ao aspecto do *layout*, de uma maneira geral pode-se dizer que as características ambientais referentes a forma, o mobiliário e outras condições físicas interferem no comportamento do usuário (HEIMSTRA E MCFARLING, 1978).

A finalidade para a qual o ambiente é utilizado influencia de forma significativa o comportamento, segundo o autor.

Quanto ao mobiliário, as suas diferentes disposições no ambiente, podem modificar as percepções deste espaço, e gerar diferentes comportamentos que influenciam até mesmo a interação social dos indivíduos.

Nos aspectos construtivos que enfatizam as relações interpessoais, vários elementos podem ser citados: amplidão, nichos, barreiras visuais e acústicas, desníveis de piso e forro, aberturas e janelas, e sub-elementos como pé-direito e materiais de acabamento.

3.1 – Amplidão

A amplidão possibilita o ajuste de distâncias interpessoais, permitindo a adaptabilidade do ambiente. Um mesmo ambiente pode conter o comportamento formal e o comportamento informal, segundo a teoria Affiliative-Conflict (Gifford, 1997). O ambiente confortável possibilita o equilíbrio de nossas tendências de afastamento e aproximação, e num

mesmo ambiente amplo que permite o ajuste destas distâncias conforme as circunstâncias atende a apropriação do usuário. Em outras palavras ambiente muito iluminado, com materiais de acabamento, pé direito alto, com ou sem cobertura e com ou sem fechamentos laterais, levam à sensação de amplitude e favorecem a comunicação entre os indivíduos . Esse mesmo ambiente amplo pode dar a sensação de mais intimidade se forem inseridos nichos ou barreiras e mobiliários, que não comprometam a sensação de amplitude.

3.2 - Nichos

Os nichos configurados por estruturas físicas (paredes) se forem fixos, ou por mobiliário e por materiais de acabamento fixos ou não, destacam o Espaço Pessoal, levando à sensação de segurança, proteção e intimidade e também interação social.

Esses nichos podem ser definidos por mobiliário em forma de “U” e podem dar a sensação mais intimista e privada, se forem de dimensões reduzidas, ou em tamanho maior para muitos indivíduos, tirando a sensação de isolamento e insegurança.

Os nichos podem ter a forma sociopetal, formando assim uma barreira visual, mas não interferindo na amplitude do ambiente.

3.3 – Mobiliário e Equipamento

Quanto ao mobiliário, a utilização de mobiliário com rodízios, tornando o ambiente flexível e adaptável para qualquer configuração, e permitindo arranjos de acordo com a atividade exercida, privilegia as necessidades do Espaço Pessoal.

Em equipamentos, a utilização de equipamento de tecnologia sem fio possibilita uma maior mobilidade do *layout*.

3.4 Barreiras

As barreiras podem ser dos mais diversos materiais de acabamento, nas mais variadas dimensões e formatos, incluindo as sociopetal que agrupa as pessoas e sociofugal que as dispersa.

Têm como finalidade separar ou integrar ambientes, e contribuem para a adaptação do espaço para a função exercida.

Outra utilidade da barreira é a de *status*, separando e destacando um usuário dos demais, embora também possam se tiverem altura reduzida, integrar várias pessoas de um escritório, ajudando na comunicação entre elas e possibilitando o contato visual.

Essa visibilidade também pode ser atingida com a utilização de vidro na barreira e com divisórias retráteis.

A privacidade acústica pode ser conseguida por vidro duplo nas barreiras e painéis para isolar o ruído do espaço ao lado. Da mesma forma, utilizando materiais que absorvam o ruído como tecidos, carpetes e outros a privacidade acústica é obtida em ambientes de reunião.

O Espaço Social é influenciado pela questão social da segurança e proteção dos usuários (GIFFORD, 1997). A sensação de segurança é necessária para o Espaço Social e é atingida através das barreiras .

3.5 – Distâncias Interpessoais

Distâncias interpessoais, são as distâncias adequadas para cada indivíduo, para contato ou não contato. Essas distâncias podem gerar reações comportamentais positivas, onde o indivíduo permanece na sua

posição, ou negativas, quando o indivíduo se locomove e altera a sua posição anterior.

Distâncias inadequadas se forem muito próximas podem causar sensação de invasão do Espaço Pessoal e quando muito afastadas, sensação de frieza e indiferença. (GIFFORD, 1997).

Também pela teoria do “*social learning*” do mesmo autor, o Espaço Pessoal é adquirido pela herança genética e comportamento gradualmente aprendido. As crianças até os quatro anos de idade já aprenderam a ficar mais perto umas das outras em um ambiente formal, do que no ambiente informal e manter-se mais próximo de conhecidos do que de estranhos.

As distâncias interpessoais em um ambiente confinado parecem ser maiores do que em ambiente amplo (GIFFORD, 1997).

Em um elevador cheio de pessoas, as pessoas se sentem desconfortáveis, pois há a necessidade de uma distância maior entre elas. Em ambientes amplos essa sensação se dilui.

O *status* também é um fator de afastamento interpessoal. Quanto maior o *status*, maior sua distância das demais (SOMMER, 1969).

O desenvolvimento tecnológico trouxe novas extensões do organismo humano de uma maneira tão intensa, que gerou a necessidade de um maior Espaço Pessoal. (HALL, 1981). O lap-top e o celular necessitam desse Espaço Pessoal maior para manter a privacidade acústica.

3.6 - Iluminação

Na iluminação, a luz sempre foi um importante e indispensável elemento em nossas vidas. A percepção espacial humana debruça-se basicamente sobre o sentido da visão (HALL, 1981) e o Espaço Pessoal é um fenômeno que só ocorre com a luz (SOMMER, 1969) sendo ela natural ou artificial.

Ao longo dos anos graças aos avanços tecnológicos, nada alterou tanto as nossas vidas como a luz elétrica. Surgiram as mais variadas fontes de luz artificial com propriedades e qualidades específicas e em razão dessa diversificação, fez-se necessário conhecer as fontes de luz artificial adequadas a cada aspecto e necessidade da vida moderna.

A qualidade da luz natural ou artificial influencia tanto o desempenho das atividades, quanto o estado emocional dos seres humanos.

Conhecer a luz natural ou artificial, as alternativas disponíveis, saber controlar qualidade e quantidade, são ferramentas necessárias para uma boa e eficiente iluminação gerando sensação de conforto.

Através da iluminação o Espaço Pessoal pode ser definido e destacado e um bom resultado pode ser transformador nas nossas vidas tornando-a mais produtiva, agradável, confortável e segura.

3.7 – Desníveis de Forro e Piso

Os desníveis de forro marcam o espaço, o delimita e contribuem para a formação do Espaço Pessoal. Podem produzir a sensação de *status* quando o piso é elevado, e a sensação de intimidade e segurança quando o piso é rebaixado. Uma pessoa num nível mais alto, ficando em destaque pode significar maior *status*. Se ela estiver em um ambiente com piso rebaixado pode sentir segurança e aconchego.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do trabalho é o de apresentar algumas considerações sobre pesquisa na área da Psicologia Ambiental que ajudam a repensar a concepção de um projeto conduzindo a reações comportamentais positivas dos usuários, ou seja, contribuindo para o seu conforto e satisfação.

A partir do ponto de vista da Psicologia Ambiental, a percepção do usuário do ambiente construído, permite a reação de comportamentos.

Assim, várias questões são levantadas apontando tarefas que devem ser abordadas com a interdisciplinidade, e repensadas na estruturação e reestruturação de espaços.

Considerações de como as condições de conforto no ambiente construído alteram o comportamento humano? Como o espaço influencia esse comportamento, e como a vida em cidades grandes pode modificar esse mesmo comportamento e alterar o convívio? Como definir a área mínima para uma habitação adequada física e psicologicamente? entre outras indagações.

O processo de adaptação do indivíduo ao ambiente físico construído, pode gerar o bem estar, proporcionando o prazer e boa qualidade de vida, e ao contrário, se o ambiente for constringente, levar a não adaptação ou mesmo a adaptação com um alto custo, podendo o indivíduo desenvolver sérios problemas de saúde. O descontentamento do indivíduo com o seu ambiente pode facilitar o surgimento de doenças físicas ou mentais.

A opinião do usuário do ambiente é de extrema importância, assim como a utilização de coleta de dados junto a ele. Pode-se assim aferir a sua satisfação quanto a área avaliada e obter elementos que orientem na adaptação a suas reais necessidades.

O conhecimento de questões que interferem na relação ambiente construído e comportamento humano, é de grande valia para atuação consciente do profissional de Arquitetura e Design de Interior, uma vez que o mesmo passa a entender as influências que atuam de um sobre o outro, e que permite a melhor compreensão das reais necessidades dos usuários. Essas informações vêm auxiliar o profissional na conscientização de que além da busca da informação, a possibilidade de interferência e modificação da realidade resulta numa melhor qualidade de vida e um projeto que se sobrepõe ao tempo.

BIBLIOGRAFIA

ALTMAN, I. The environment and social behavior. Monterey CA : Brooks Cole, 1975.

BARKER, R.G., Ecological psychology: concepts and methods for studying the environment of human behavior Stanford: Standford U. Press. 1968.

GIFFORD, R., Environmental psychology. 2 ed. Boston : Allyn&Bacon, 1997.

GUNTHER, H. & Rozestraten, R. J. A. Psicologia Ambiental algumas considerações sobre sua área de pesquisa e ensino. Brasília: 1993.

HALL, E., A dimensão oculta. 2 ed. Rio de Janeiro : Francisco Alves , 1981.

HEIMSTRA, N. W., & MC FARLING, L. H. Psicologia Ambiental. São Paulo: EPU / EDUSP, 1974.

MONZELGHIO, E., Uma Avaliação perceptiva de habitats da periferia de São Paulo . São Paulo : Sinopses , 1990.

PROSHANSKY, H., M., ITTELSON, W.H ., & RIVLIN, L.G Environmental psychology: Man and his physical setting.New York : Holt, Rinehart and Winston, 1970.

SOMMER, R., Personal Spaces : the behavioral basis of design .Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall , 1969.

KOWALTOWSKI, D. , BARROS,R., PINA,S., FUNARI,T., ALVES,S., TEIXEIRA,C., COSTA,A ., Conforto e Psicologia Ambiental : A questão do Espaço Pessoal no projeto arquitetônico. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2005.

INDICE

CAPA	1
CONTRA CAPA	2
AGRADECIMENTO	3
RESUMO	4
METODOLOGIA	5
SUMÁRIO	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	
Psicologia Ambiental	8
CAPÍTULO 2	
Espaço Sócio Cultural	11
2.1 - Espaço Pessoal	13
2.2 - Territorialidade, Privacidade e Apinhamento	14
2.3 - Mobilidade	15
2.4 - Affordances	15
CAPÍTULO 3	
Espaço Construído	17
3.1 - Amplidão	20
3.2 - Nichos	21
3.3 - Mobiliário e Equipamento	21
3.4 - Barreiras	22
3.5 - Distâncias Interpessoais	22
3.6 - Iluminação	23
3.7 - Desníveis de Forro e Piso	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25

BIBLIOGRAFIA	27
ÍNDICE	29
FOLHA DE AVALIAÇÃO	31

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Nome da Instituição: Universidade Candido Mendes.

Título da Monografia: Psicologia Ambiental: Espaço construído e comportamento humano.

Autor: Monica Marques Aubert

Data da entrega: 03/04/2007

Avaliado por:

Conceito: